



MAGNAVITA

claudio.magnavita@gmail.com

@colunamagnavita

CNPG: Segundo e último dia de congresso e 'Carta do Rio'

"A criminalidade digital - Instrumentos de investigação, prevenção e repressão" foi o tema de abertura do segundo dia do II Congresso do Conselho Nacional de Procuradores-Gerais do Ministério Público dos Estados e da União (CNPG), realizado nesta terça-feira (29) no salão de convenções da Fundação Getúlio Vargas (FGV), em Botafogo, na Zona Sul. Pela manhã, os temas de uso de tecnologias e meio ambiente dominaram os debates.

Em seguida, a procuradora de Justiça Ana Lara Camargo de Castro, do Ministério Público do Estado do Mato Grosso do Sul (MPMS) falou sobre "Exposição pornográfica não consentida na virtualidade". A terceira palestra foi de Rafael Velásques, CEO da empresa Techbiz, sobre tecnologia aplicada no combate à criminalidade digital. O secretário nacional de Segurança Pública do Ministério da Justiça, Mario Luiz Sarrubbo, abordou o tema "Combate ao crime organizado na era digital".

No segundo painel da tarde, o debate em torno do tema "Processo estrutural e a efetivação dos direitos socioeconômicos" foi presidido pelo procurador-geral de Justiça, Luciano Mattos, e teve as presenças na mesa das promotoras de Justiça Simone Rocha de Araújo e Joana Fernandes Machado, assistentes da Assessoria de Atribuição Originária Cível e Institucional do MPRJ. A promotora de Justiça do Ministério Público do Estado de São Paulo (MPSP), Susana Henriques da Costa, falou sobre o tratamento adequado dos litígios estruturais pelo MP. Humberto Dalla, desembargador do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, discorreu sobre processos estruturais e a resolução consensual dos conflitos. E Fabiano Dallazen, diretor de Relações Institucionais da Aegea, falou sobre medidas estruturais e o controle de políticas públicas de saneamento básico.

Carta do Rio é divulgada

Encerrando o II Congresso do CNPG, Luciano Mattos e Jarbas Soares Júnior assinaram a "Carta do Rio de Janeiro", com propostas de atuação resolutive, eficiente e integrada entre todos os MPs do país, dividida em quatro enunciados: Sistema de Justiça digital: inteligência artificial, governança digital, proteção de dados e enfrentamento da criminalidade por meios informati-



Fotos MPRJ

Segundo dia do evento que reuniu os procuradores-gerais dos estados e da União foi realizado no salão de convenções da FGV



O PGJ-RJ Luciano Mattos, ao centro, com Marfan Martins (e) e o PGJ-MG Jarbas Soares, com a 'Carta do Rio'



Jarbas Soares Júnior, presidente do MPMG e do CNPG, comemora o sucesso do congresso no Rio



Luciano Mattos: "O evento foi um sucesso e toda a dinâmica nestes dias de debates deu origem à Carta"



Luciano Mattos; a subprocuradora do MPRJ, Ediléa Cesário; Marfan Vieira; a subprocuradora Ana Cristina Lesqueves; e Jarbas Soares

cos; Estado de Direito Ecologicamente Sustentável, mudanças climáticas e gestão adequada de desastres socioambientais e litígios estruturais; Promoção integral dos direitos das vítimas; e Atuação perante as Cortes Superiores e fortalecimento da cultura de precedentes. A Carta foi lida aos presentes pela subprocuradora-geral de Justiça de Planejamento e Políticas Institucionais do MPRJ, Ediléa Cesário, e pela subprocuradora-geral de Justiça de Assuntos Cíveis e Institucionais do MPRJ, Ana Cristina Lesqueves.

"Gostaria de parabenizar o CNPG e o doutor Jarbas Soares Júnior que, nestes seis meses de gestão, tem se dedicado ao crescimento da instituição, trazendo toda a sua experiência como PGJ e como conselheiro do CNMP. O evento foi um sucesso e toda a dinâmica nestes dias de debates deram origem à Carta. Tivemos diversos debates em torno da unidade institucional e conclamamos a união do MP brasileiro em torno do mais importante na nossa atuação, que é a defesa dos interesses da sociedade", afirmou Luciano Mattos.

PINGA-FOGO

■ **SEGURANÇA NA TV** - O governador Cláudio Castro, ao vivo no programa Bom Dia Rio, no estúdio da TV Globo, entrevistado pelos jornalista Flávio Fachel e Silvana Ramiro, sobre o tema segurança pública. O governo do Rio está sendo proativo na mídia.

■ **GLO PARA DIGNATÁRIOS** - Planejado há meses, o Governo Federal vai decretar Estado de Garantia da Lei e da Ordem (GLO) durante o G20, devido a presença de vários Chefes de Estado. O uso das Forças Armadas para garantir a segurança de dignatários é praxe em eventos similares em todo o mundo. Nada tem a ver com os problemas de segurança pública que ocorreram, recentemente, no Rio.

■ **ESQUERDA CAVIAR** - Um jornalista que vive na ponte aérea Rio-Brasília foi surpreendido com a troca do seu acento, apesar de ter emitido, na véspera, o seu cartão de embarque para o voo da Latam, na classe Economy Premium. O mistério foi resolvido à bordo, a sua poltrona foi requisitada para um assessor/segurança que acompanhava o presidente do BNDES, Aloizio Mercadante. Aliás, esses acentos de luxo da aérea, que garantem o bloqueio da poltrona do meio, estavam quase todos ocupados por parlamentares da esquerda, entre eles, o deputado federal Tarcísio Motta, do Psol. A galera nem se deu conta da mordomia da esquerda caviar, já que eles embarcaram por último e saíram na frente, longe dos olhares dos possíveis eleitores.

■ **DÍVIDA DO RIO** - Nesta quarta-feira (30), às 14h, o governador do Rio de Janeiro, Cláudio Castro, participa de uma audiência de conciliação no Supremo Tribunal Federal (STF), mediada pelo ministro Dias Toffoli, para tratar da dívida do Estado do Rio com a União. Em maio, Toffoli concedeu uma liminar que suspendeu o pagamento da dívida e limitou o valor total a ser pago ao Estado, por ano.

■ **DUDU NO COMANDO** - Em um vídeo publicado em sua conta no Instagram, o prefeito de Nova Iguaçu, Rogério Lisboa (PP), declarou que está cansado e vai tirar 14 dias de férias. Como a cidade tem um vice-prefeito que não quis assumir o cargo - o deputado federal Juninho do Pneu (Republicanos), que optou em seguir na Câmara Federal -, a administração municipal será comandada durante as férias de Lisboa por Dudu Reina (PP), vereador e atual presidente da Câmara Municipal e prefeito eleito nas eleições do dia 6 de outubro, que antes mesmo da posse oficial, em janeiro, poderá sentir o gostinho de chefiar o poder Executivo iguaçuano.

■ **PREPARANDO O TERRENO** - O prefeito de Barra Mansa, Rodrigo Drable, ao lado do Secretário Municipal de Saúde, Sérgio Gomes, desembarcou em Brasília nesta terça-feira, dia 29, para traçar o caminho para seu sucessor e prefeito eleito, Luiz Furlani, a partir de 2025. "Essa semana iniciam as emendas parlamentares e apesar de não estar no ano que vem, preciso deixar tudo preparado para o Furlani começar o trabalho", afirmou. Detalhe: o atual prefeito quase perdeu o voo para o Distrito Federal após um tombamento na Serra das Araras. Mas por fim, chegou ao destino. "Passando por Mendes e um bom piloto de fuga, chegamos em cima da hora. Bora", declarou em suas redes sociais.

■ **1ª INDÍGENA DOUTORA DE MG** - A deputada Célia Xakriabá (Psol-MG) era já a primeira parlamentar indígena do seu estado. Agora, ela passa a ser também a primeira doutora formada no estado, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pertencente ao povo Xakriabá, a deputada defendeu sua tese de doutorado em Antropologia nesta quarta-feira (30).

■ Na tese "Ancestraliterra - Sabedoria indígena na política e na universidade", Célia Xakriabá mostra como a visão de território para os indígenas transcende a questão geográfica, numa associação em que a terra se funde ao corpo. "O corpo é território, o território é corpo", diz ela.

Fernando Molica

A fila da direita começou a andar

As derrotas de aliados que teimou em plantar em diferentes capitais do país colocaram Jair Bolsonaro diante de uma nova realidade: as filas da direita e da extrema direita começaram a andar.

O ex-presidente desde sempre faz uma política baseada no bloco do Eu Sozinho. Foi assim que, graças a fatos inesperados da conjuntura brasileira, chegou à Presidência. Lá, manteve o estilo — fazia o lhe dava na telha, sempre de acordo com os interesses da única família que nunca deixou de defender, a sua.

Rompeu com aliados que, suspeitava, articulavam algum tipo de traição; arrumou pretexto para romper com o então governador paulista, João Dória, que cometera o pecado de se anunciar candidato à Presidência.

Depois de, para salvar o pescoço, terceirizar o governo para o Centrão, Bolsonaro ficou livre — boa parte do tempo foi dedicada a destruir o combate à pandemia. Entre uma sabotagem e outra ele, pelo que apontam os fatos e as investigações, tratou de fortalecer a articulação de um golpe.

Presidente do PL, Valdemar Costa Neto é obrigado a engolir Bolsonaro, principal responsável pela imensa bancada do PL na Câmara. Mas tenta conciliar os rompantes do aliado com o pragmatismo que marca sua trajetória.

Proibido pela Justiça de se encontrar com Bolsonaro, Costa Neto acabou fornecendo a corda com que Bolsonaro ameaça se enforçar. Concordeu com o lançamento do até então desconhecido deputado Alexandre Ramage para a prefeitura carioca, aceitou também as candidaturas de aprendizes de Nikolas Ferreira para diversas capitais — quase todos foram derrotados.

Filho bastardo do bolsonarismo, Pablo Marçal não foi pro segundo turno em São Paulo, mas mostrou que a extrema direita não tem dono, que seus eleitores estão abertos para ouvir outros aventureiros capazes de reciclarem o discurso do arrombou a festa.

Políticos de uma direita mais tradicional, menos dependente do bolsonarismo, aplicaram algumas chineladas no ex-presidente. Veterano adversário da esquerda e do petismo, o governador de Goiás, Ronaldo Caiado (União Brasil), deu, nas urnas, um chega pra lá no ex-aliado.

Bolsonaro não apoiou de verdade nem mesmo chapas em que foi responsável pela indicação dos candidatos a vice, em Curitiba (PR) e São Paulo. Desprezado ao longo da campanha, Ricardo Nunes (MDB) teria sucumbido se não fosse a mão amiga do governador Tarcísio de Freitas (Republicanos), outro

que, por suas ambições presidenciais, já entrou na mira do ex-capitão.

Oportunista, apareceu em São Paulo na última hora para pegar carona na já então provável vitória do prefeito. Em declarações posteriores à eleição, Nunes ressaltou o papel de Tarcísio e destacou que um capitão não abandona seus soldados.

No processo eleitoral, Bolsonaro reafirmou o que dele já se sabia: é autocrático, autoritário, incapaz de negociar, de transigir, de aceitar alguns recuos em nome de avanços futuros.

Ferido pela decretação de sua inelegibilidade, ele conseguiu piorar a própria situação ao não aproveitar o processo eleitoral para ampliar a frente de aliados capaz de aprovar uma anistia para ele e para outros envolvidos na intentona golpista. Queimou pontes que eram necessárias para permitir avanços de seu já diminuído exército.

A provável apresentação de denúncia da Procuradoria-Geral da República contra o ex-presidente vai fragilizá-lo ainda mais. Ele é um líder importante, mas como mostraram as urnas e, de certa forma antecipou o pastor Silas Malafaia, líderes escorregadios não são bem-vindos. Em 2018, Bolsonaro montou o cavalo que passou selado à sua frente; agora, vai ter que se esforçar um pouco mais.

Rodrigo Bethlem*

Que venha 2026!

Como venho dizendo há algum tempo, as eleições municipais não necessariamente balizam o que acontecerá na eleição nacional dois anos depois.

Quando a eleição é "descasada", os assuntos municipais dominam o interesse da população, colocando, via de regra, os temas ideológicos em segundo plano.

Quem apostou que bastava o prestígio de Lula, como na eleição da capital paulista, ou o de Bolsonaro, no caso da eleição carioca, quebrou a cara.

Em São Paulo, com um amplo arco de alianças, dez vezes mais recursos que há quatro anos e apoio explícito do presidente Lula, Boulos obteve basicamente a mesma votação de quatro anos atrás.

No caso do Rio, todas as apostas foram na nacionalização, transformando a eleição em uma espécie de terceiro turno de 2022. E nem houve segundo turno em 2024.

Não faltaram recursos, nem marqueteiro pago a peso de ouro para fazer mágicas e truques, que pelo visto só funcionaram para Freixo.

Esta eleição, contudo, deixa sinais e lições, principalmente para

os dois principais líderes: Lula e Bolsonaro.

Lula viu o avanço da direita no, até então, intransponível Nordeste. Coincidência ou não, desde que o PT deixou de lado as causas sociais e aderiu à pauta Woke, perde terreno entre os mais pobres, que tendem a ser mais conservadores nos costumes.

Com isso, agrada a uma bolha desconectada dos mais pobres e se afasta de seu público primário.

Bolsonaro, por sua vez, enfrenta duras derrotas contra outrora aliados que se sentiram traídos e que certamente darão o troco em 2026, caso ele consiga resgatar sua elegibilidade. O bolsonarismo ao invés de ser um movimento de direita, caminha para ser um movimento que visa sequestrar a direita, não admitindo nenhuma liderança fora deste movimento. Seria importante uma profunda reflexão do seu líder, e seus mais próximos seguidores se o objetivo for realmente voltar ao poder no próximo pleito nacional.

Está dada a largada para 2026!

*Ex-deputado. Consultor político